

NÓ GÓRDIO EM MAQUIAVEL? EXERCÍCIO REFLEXIVO INTRODUTÓRIO A PARTIR DA METÁFORA MÉDICA

GORDIAN KNOT IN MACHIAVELLI? INTRODUCTORY REFLECTIVE EXERCISE FROM THE MEDICAL METAPHOR

Anselmo Cordeiro de Souza¹
Andressa Karla Vojta Miranda²

RESUMO

Nó górdio é uma referência mitológica que representa ou refere-se a “um problema difícil com uma solução simples”. Assim, nosso objetivo é apresentar apontamentos e notas ainda que introdutórias sobre a temática do conflito em Maquiavel. Embora não seja uma ampla revisão da literatura, este ensaio de caráter narrativo bibliográfico intenciona contribuir na aproximação de um melhor entendimento da problemática-tema por meio da leitura primária traduzida de Maquiavel, com apoio de literatura acadêmica e científica recente. Partimos da hipótese de que nos textos maquiavelianos vislumbra-se um nó górdio visto de dois ângulos, a saber: primeiro do próprio conflito, temática nuclear para o Secretário Florentino e da metáfora médica como uma forma seja análoga ou mesmo interpretativa comparativa do conflito.

Palavras-chave: Maquiavel; Conflito; Metáfora Médica.

ABSTRACT

Gordian Knot is a mythological reference that represents or refers to “a difficult problem with a simple solution.” So, our goal is

¹ Mestrando em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP/SP, Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia – SALT, Graduando na Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba - FALC. E-mail: anselmo.souza@ucb.org.br

² Mestranda em Direito pela Universidade de Marília - UNIMAR, Graduada em Direito pela Faculdades Integradas do Tapajós – FIT. E-mail: andressavojta@hotmail.com

to present notes and notes although introductory about conflict in Machiavelli. Although not a comprehensive review of the literature, this literature narrative character test intends to contribute in bringing a better understanding of the problem-theme through the primary reading translated Machiavelli, supported by academic literature and recent scientific. Our hypothesis that the maquiavelianos texts envisions is a Gordian knot seen from two angles, namely first of the conflict itself, nuclear theme for the Florentine secretary and medical metaphor as a way to be similar or even comparative interpretation of the conflict.

keywords: Machiavelli, Conflict, Four Temperaments.

INTRODUÇÃO

Nó górdio é uma alusão mitológica, que descreve que por ocasião da expansão grega de Alexandre, o Grande, este ao chegar a Frigia se deparou com um “nó”, que segundo a crença quem conseguisse desatar dominaria o mundo. Alexandre, o Grande, após tentativas sem sucesso, desembainhou sua espada e cortou o nó (BULFINCH, 1999). Assim, aqui a metáfora no górdio refere-se a um problema complexo de solução simples, ainda que este último não seja fácil. Logo, nossa hipótese neste ensaio³ de reflexão introdutória e de caráter narrativo bibliográfico é de que no vocabulário republicano de Maquiavel, bem como em seus Clássicos O Príncipe e Discorsi (Comentários da primeira década de Tito Lívio), vislumbramos um nó górdio visto em dois momentos: primeiro do próprio conflito, ao que parece ser unânime pelas várias correntes de interpretação, é temática nuclear para o secretário Florentino; e da metáfora médica que para empreendê-la, utiliza-se de termos desta área, correntes a sua época, como uma forma análoga ou mesmo interpretativa comparativa do conflito (o desembainhar da espada).

³ Ensaio aqui entendido como indicado por Jorge Larrosa em O ensaio e a escrita acadêmica (Educação & Realidade 28.2; 2003) e Isidoro M. Alves em A ensaística e o trabalho científico (Logos 7.2, 14-17; 2000).

Neste sentido, nosso maior esforço, sendo este um primário exercício acadêmico na área, diante de nossa limitada experiência na reflexão política, é manter a coerência das pontuações feitas neste trabalho, bem como da própria validade e consistência do mesmo. Ainda que atento à atual inclinação dos caminhos da pesquisa acadêmica exemplificados por Kellsdtedt e Whitten (2015) nos dois primeiros capítulos de seu Livro Fundamentos da Pesquisa em Ciência Política, mais nos aproximamos no espaço da ciência política, esta última tida de modo lato, tal qual exemplificada por Giovanni Sartori (1997) a respeito de Maquiavel no capítulo “A Política como ciência” de seu livro “Política: Lógica e Método nas Ciências Sociais”:

Aristóteles e Maquiavel foram ‘cientistas políticos’, fizeram ‘ciência’ política? Do ponto de vista histórico, pode-se responder afirmativamente; do ponto de vista epistemológico não. O historiador observará talvez que o ‘realismo da observação’ constitui premissa, e é parte integrante, da forma mentis científica... De outro lado, o historiador poderá determinar a ‘cientificidade’ de Maquiavel no fato de que com ele o observador se afasta do objeto observado, embora não se despoje dos próprios fins e valores, e mostrando que assim o Florentino rompe com a tradição filosófica, destacando-se da filosofia (SARTORI, 1997, Pág. 176).

É sobre este às vezes lembrado como “Professor do Mal”, “Conselheiro de Tiranos”⁴, que na sua contribuição quase “poética” Sadek (2014) aborda das principais trincheiras do estudo e pesquisa das obras maquiavélicas enfatizando o ainda relevante legado deste. Em suas palavras “Suas reflexões (de Maquiavel) não exprimem apenas a realidade do século XVI; ao contrário, são ensinamentos que embasam a análise política. Maquiavel torna-se imprescindível, indutor do realismo na análise política, na consideração da política tal como ela é” (SADEK 2014, p. 32). Citando mesmo a inscrição de sua lapide “Tanto nomini nullum por elogium – Nenhum elogio está à altura de tão grande nome”. Reconhecimento merecido diante do intentar empreendimento de decifrar o complexo universo político, entendido “complexo” pela gênese de sentido de sua filiação grega, ou seja, entrelaçado universo político.

Notória é a atualidade deste que está no primeiro degrau temporal do pensamento político moderno, trazendo uma primeira modalidade desta, dentre outras que iriam influenciar a

⁴Expressões de Leo Strauss do retrato tradicional de Maquiavel. Citado por Ricardo Silva (2013).

contemporaneidade, sendo esta última entendida como fruto da recepção das tradições e linguagens do período precedente⁵. Diante disso, as reflexões e observações maquiavélicas continuam a se multiplicar pelas mais diversas correntes interpretativas trazendo em suas contribuições a tentativa do enfrentamento de problemáticas depreendidas de sua leitura primária e secundária (CUNHA, 1969; MIGUEL 2013). O elemento da problemática tema deste trabalho é assertivamente colocado por Falcão (2013, p. 184) que “um dos limites mais latentes impostos pelo vocabulário maquiaveliano é sua falta de clareza no uso do umore e, por isso, diversas interpretações buscam compreender a questão”.

Interessante ainda notar as diversas formas de como aparecem enunciadas estas “oposições”, como bem coloca Silva (2013, p. 49):

Não lhe ocorria um mundo livre da tensão entre governantes e governados, “poucos” e “muitos”, “ricos” e “pobres”, “grandes” e “pequenos”, “plebe” e “nobreza”, “povo” e “Senado”, para usar as muitas expressões com as quais o autor nomeava, conforme o contexto de uso, as classes em conflito.

Desse modo, percebemos nos textos maquiavelianos diferentes entendimentos, ou minimamente de perspectivas diferentes nominadas pelo mesmo termo “conflito”. O que em ambos os casos pode trazer significações e conclusões distintas, ainda que não divergentes. Para Silva (2013, p. 47), estas mudanças de tratamento da questão do conflito “deve-se mais à mudança do objeto da análise do que a alterações de teoria e método”. O que está evidente é uma articulação entre elementos da natureza humana e seu universo social que se desdobram na realidade política, dimensões estas de múltiplas variáveis correlacionadas.

Assim, nosso objetivo é apresentar apontamentos e notas, ainda que introdutórias, a respeito do “conflito” e da “metáfora médica” utilizada na leitura primária traduzida de Maquiavel, com apoio da literatura acadêmica e científica recente da política e

⁵Esta recepção está aqui entendida como um conjunto de elaborações coexistentes no espaço socio-histórico em dado momento, em um recorte ou período temporal, onde admite-se a ideia de continuidade ou mesmo ruptura de premissas de período precedente. Contribuições estas originadoras de abordagens, seja parcialmente ou plenamente convergentes ou divergentes das correntes da época, algumas tomadas como marcos de transição e mesmo representantes de escolas de pensamento ou período histórico.

eventualmente médica, intencionando contribuir na aproximação de um melhor entendimento da problemática-tema.

DO CONFLITO

Para o Secretário Florentino, entre os elementos que compõem põem o conflito social está o atributo intrínseco ao ser humano da “maldade”, como afirma Maquiavel (2015, p.72) em *O Príncipe*, no capítulo XVII, “Isso por que os homens pode-se dizer, geralmente, são ingratos, volúveis, simuladores, tementes do perigo, ambiciosos de ganho”, e no *Discorsi*, livro I, capítulo III “...é necessário que quem estabelece a forma de um estado, e promulga suas leis, parta do princípio de que os homens são maus” (MAQUIAVEL 1994, p. 29).

Já o cenário social, político e econômico da península itálica no século XV não era outro senão conflituoso e inconstante, ambiente cercado de constantes guerras. Descreve Jesus Junior (2014, p. 104) que “Na Itália dessa época prevalecia um sistema de microanarquia, uma verdadeira colcha de retalhos de principados que competiam por poder e formavam alianças políticas com vistas a equilibrar poder com as potências hegemônicas francesa e alemã”. Realidade que se desenrolava ao redor de quatro cidades, a saber: Florença, cidade de Maquiavel, tida como a de maior poder financeiro, em virtude da família Médici; Roma, cidade tida como de maior influência política, o que era feito por vias da religião, por consequente fé popular que fundamentava seu poder; Veneza, cidade de poder comercial; e Milão, tida também como grande cidade à época. Em face deste ambiente de disputa política, com necessária menção à influência e interferência do Papado, que a “contribuição desse sistema de equilíbrio de poder pode ter sido um laboratório para Maquiavel desenvolver novas técnicas de aquisição e consolidação do poder em um principado”, tema de seu Livro *O príncipe* (JESUS JUNIOR, 2014, p. 104).

Certamente, ainda que não consigamos precisar o grau, Maquiavel foi influenciado pela sua experiência, bem como inspirado pela observação da sua realidade local e regional na formulação e elaboração de sua produção, como o próprio cita primeiro na introdução de *O príncipe*:

Desejando eu, portanto, oferecer-me a Vossa Magnificência com um testemunho qualquer de minha submissão não encontrei entre os meus cabedais

coisa a mim mais cara ou que tanto estime, quanto o conhecimento das ações dos grandes homens apreendido através de longa experiência das coisas modernas e uma continua lição das antigas... (MAQUIAVEL 2015, p. 09).

E deixa a entender na introdução do Discorsi ao comentar de modo modesto os possíveis desdobramentos de sua contribuição:

E se a tentativa for falha e de escassa utilidade, devido à pobreza do meu espírito, a insuficiente experiência das coisas de hoje ou ao pouco conhecimento do passado, terá ao menos o mérito de abrir caminho a quem, dotado de maior vigor, eloquência e discernimento, possa alcançar a meta (MAQUIAVEL 1994, p. 17).

Os textos explicitam as fontes que compõem seu texto, a saber: a experiência empírica de Maquiavel como “secretário de estado de Florença” e a reconstrução comparativa via história dos antigos em uma perspectiva de tensão e dinâmicas sociais, traduzidas pela analogia entre o corpo humano e o político.

O que fica claro pra nós é que de modo geral não apenas no conteúdo intrínseco de sua teoria política a temática do conflito é nuclear, como também há nesta um eminente conflito diante do rompimento com as teorias anteriores, a saber: idealistas, medievais, por seu realismo independente de pressupostos morais e teológicos, em uma espécie de “secularização da política”, para além do que deveria ser – o mundo ideal de políticas utópicas – procurando assim “... a verdade efetiva das coisas...”, interessando-lhe, portanto, “as ações dos homens”(WINTER, 2011; TIERNO 2016). Não obstante a uma ruptura radical com a tradição clássica admira e traz reflexão dos bons princípios políticos, destes a virtude guerreira dos antigos. Rompe ainda com sua própria tradição elegendo a realidade concreta como seu ponto tanto de partida quanto de chegada, elaborando, assim, uma classificação, gramática e sintaxe elementar no intuito de entender a verdadeira natureza da ciência política, representando, dessa forma, um novo início entre os clássicos e os modernos. (TIERNO, 2016; NASCIMENTO, ADAMEC, 2016; SADEK 2014).

Há ainda o aparente conflito ou contradição entre suas obras O príncipe e Discorsi, ainda que não haja razões para assumir de modo dogmático a prioridade entre as obras, em que o Discorsi (1517) representa um discurso teórico e O príncipe (1513) a aplicação dessa metodologia.

DA ANALOGIA MÉDICA

Na antiga Grécia, os gregos cultuavam Asclépios, filho de Apolo, como deus da medicina. Asclépios tinha duas filhas Panaceia e Higéia, que representavam o paradoxo entre a medicina individual e a medicina coletiva. Na época, vários templos foram erguidos para culto e louvor a Asclépios (também chamado Esculápio), sendo o mais conhecido e importante, talvez também por causa de um dos seus ilustres sacerdotes chamado Hipócrates, o templo de Epidauro. Descendente de uma família de asclepiades, ou seja, sacerdotes que cuidavam da saúde, Hipócrates desenvolveu seus estudos se aprofundando e praticando a tradição higieia, a qual era empreendida por aqueles que creditavam à saúde a harmonia entre homens e ambiente, e buscavam promover tal por meio de ações preventivas que tinham a ver com o equilíbrio dos elementos fundamentais: terra, fogo, ar e água. Enquanto panaceia é tida como uma precursora do pensamento médico clínico, a tradição higieia, baseada nos princípios hipocráticos mais tarde aplicados, é tida como precursora do pensamento em saúde pública (MEDRONHO 2009). Este entendimento elucidada a respeito da tradição hipocrática reconhecida também na popular “teoria humoral”, presente ainda nos dias de Maquiavel.

O entendimento do pano de fundo do pensamento da época de Maquiavel, ou seja, dos paradigmas vigentes que moldavam a forma de conceber e produzir elaborações mentais ou conhecimento racional “científico” da época pode elucidar nosso entendimento a respeito do “conflito maquiaveliano”.

Dentre as contribuições mais lucidas está a de Ferreira (2015) em sua produção acadêmica, na qual disserta sobre “Os conflitos civis em Maquiavel: o problema dos humores”, no qual seu primeiro capítulo objetiva compreender as influências que levaram à apropriação por Maquiavel do termo “humor” para produzir conhecimento político. Em seu trabalho argumenta baseando-se principalmente em “Burke” e “Foucault”, das influências da efervescência ainda nos dias de Maquiavel da redescoberta dos textos clássicos, começadas séculos antes, mais sistematizadas aos fins do século XIV e as crenças/formas de conceber a realidade, especialmente da crença da “unidade do universo” e o “conceito de natureza”, o que expomos brevemente a seguir.

No raiar do século XVI, os estudos dos clássicos já se pautavam no entendimento de seus objetivos e problemas, ou seja, já se

buscava o entendimento do modo de pensar à época dos textos, em uma inclinação, inclusive, por recuperar os valores da antiguidade, tais como a superioridade e dignidade humana. Como exemplifica Souza (2010, p. 18,19) se referindo ao trabalho de Aristóteles como anatomista:

Dois de seus trabalhos, *De partibus animalium* (Partes de Animais) e *Historia animalium* (História de Animais), constituem notáveis investigações anatômicas. Estes trabalhos podem ter lhe feito afirmar que a mão é um dos três elementos, juntamente com o raciocínio e a fala, que diferem o homem como *animale nobile*.

É neste ambiente que predomina a produção de conhecimento baseada na “trama semântica da semelhança”, em especial associada ao “conceito de natureza” entrelaçado à concepção mágico-astrológica, em uma crença de “unidade do universo”, em uma espécie de personalização, em que este universo é considerado “vivo”. Parte daí a crença em “marcas” que tornam possíveis a descoberta das “semelhanças”. Semelhanças que só são possíveis porque existe uma unidade no todo, considerado correspondente em um “universo vivo”. Logo, “tal ideia se apoia na crença de que as semelhanças estão dadas e que basta encontrar ‘marcas’ para, então, decifrá-las por meio da correspondência ou semelhanças entre outras coisas” (FERREIRA 2015, p. 24).

Entre os elementos de articulação e estruturação dessa “linguagem de correspondências”, a Analogia e o Jogo das simpatias/antipatias, operacionalizavam diversas aplicações na construção de modelos de entendimento da realidade. Tal influência do pensamento corrente da época teria levado Maquiavel, para além de seu “método” fundamentado na observação histórica, a adotar o paralelismo entre o corpo humano e o corpo político através da aplicação do vocabulário médico da então popularmente enraizada “teoria humoral” da organização do corpo. Nesse sentido, de modo complementar, a dinâmica dos humores parece ser melhor entendida pelo jogo das simpatias. Esta é baseada no princípio cosmogônico do Amor (simpatia) e Ódio (antipatia), produtores da união ou separação dos elementos essenciais (água, fogo, terra, ar)⁶, como explica Ferreira (2015, p. 28,29):

Tomando como base o jogo desse par de figuras, simpatia-antipatia, é

⁶ Ambos os conceitos AMOR e ÓDIO, como os elementos fundamentais ÁGUA, FOGO, TERRA e AR, foram propostos por Empédocles (495-435 a.c).

possível pensar a unidade do corpo político. Assim como o mundo, que analogamente ao corpo humano pode ser pensado como um todo orgânico que possui elementos que se aproximam e que se influenciam entre si por simpatia, e que por vezes, chegam a assimilar-se por esse mesmo jogo simpático, existem também aquelas coisas – animais, plantas, homens, elementos – que jamais se atrairão, que jamais estabeleceram alguma espécie de simpatia. É, então, essa antipatia que, por garantir a multiplicidade das coisas do mundo, pode explicar por que os humores dos corpos, apesar de juntos, não perdem suas propriedades tornando-se o mesmo humor.

Ferreira (2015 p. 30) conclui esta parte de sua dissertação apontando que “a categoria de pensamento fundado nas relações analógicas de que o corpo humano fornece elementos para compreender o universo político” proposto por Maquiavel, influenciado pela forma de pensar da época, corresponde a um de seus métodos de construir “ciência”. Ainda que em conclusão distinta, Falcão (2013) escreve em seu artigo sobre “Maquiavel e Harrington” a respeito da apropriação por parte destes da medicina e história como “métodos de apreender a realidade política”. Conclusão resultante de um caminho de construção diferente e em vários pontos oposto ao colocado por Ferreira (2015), não obstante ambos ainda que de modo distinto parecem entender a metáfora médica como método. O que em parte é esclarecido pelo texto:

Maquiavel e Harrington utilizam as analogias como alternativas a quaisquer perspectivas transcendentais ao universo político e, dentre as prediletas, as metáforas do corpo político. Se for tomada a comparação como uma maneira de compreensão da política, poder-se-ia afirmar que Maquiavel e Harrington utilizam-na como tal. Ambos produzem analogias que permitem ao observador da política identificar similaridades que se assentam nos mesmos procedimentos explicativos. Por isso, a medicina e análoga à política. (FALCÃO 2013, p. 198)

Por tudo que já foi colocado, independente dos caminhos de entendimento das contribuições maquiavélicas anteriormente descritas, o conflito em sentido lato parece ser tido por Maquiavel como uma realidade. Nesse sentido, também rompendo com o pensamento corrente da época, que influenciado pelos clássicos concebia a concórdia interna como uma premissa para o fortalecimento da ordem social, ou seja, o conflito para Maquiavel em nossa leitura não é nem positivo, nem negativo, mas natural e real. Assim, como os humores, que tendo se apropriado de seu uso da medicina,

ainda que análoga ganha na semântica política sentido próprio, entendidos ainda nem positivos, nem negativos, mas naturais e reais. Conflito aqui entendido como oposição geradora de tensão, a partir da qual naturalmente forças contrárias se confrontam. Logo, é no equilíbrio e balanceamento dessas forças sociais a aposta do secretário florentino, atento à natureza dinâmica destas. É na instituição de espaços ordinários de “confronto”, dando vazão à tensão, evitando sua explosão por meios extraordinários, o caminho da liberdade, como deixa a entender este clássico texto republicano:

Os que criticam as contínuas dissensões entre os aristocratas e o povo parecem desaproveitar justamente as causas que asseguraram fosse conservada a Liberdade de Roma, prestando mais atenção aos gritos e rumores provocados por tais dissensões do que dos efeitos salutares. Não querem perceber que há em todos os governos duas fontes de oposição: os interesses do povo e os da classe aristocrática. Todas as leis para proteger a liberdade nasceram da sua desunião... (MAQUIAVEL, 1994, p. 31).

CONCLUSÃO

A analogia humoral a nós parece não apenas um modo de construir conhecimento, mas parece ter sido em meio ao radical rompimento de Maquiavel com as instituições anteriores e presentes a sua época, uma forma consciente ou não de legitimar seu empreendimento, representando por complementaridade a tensão e “dinâmica dos desejos”. Logo, o conflito se traduz no dinamismo do corpo político, bem como da república, “uma desunião centrada, por assim dizer, natural”, levando ainda a uma constante reavaliação das condições de como se dá a república. Para Pocock (1975), à época de Maquiavel a política precisava de uma legitimação e este dá nome aos problemas políticos anteriores e presentes a sua época. Há quem pense ainda em dois Maquiáveis no sentido de momentos distintos de produção textual. Assim, em uma forma de superar uma possível “mitologia da coerência” dos escritos maquiavélicos, neste trabalho concluímos por aceitar o caráter problemático da reflexão do pensamento maquiavélico, sendo assim este procedimento para desatar o “nó maquiaveliano”, entendida a metáfora médica uma aplicação nominativa e semântica didática, metodológica e mesmo estratégica de elementos presentes na dinâmica social e política, bem como do real e presente “conflito”. Ressaltamos que não se objetivou uma explanação exaustiva do tema, mas uma aproximação de aspectos recentemente abordados a respeito do

tema, tentando contribuir no ampliar o entendimento e diálogo do “conflito maquiavélico”, desejáveis novas pesquisas e reflexões.

REFERÊNCIAS

BULFINCH, T. O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula), histórias de deuses e heróis. 4. ed. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CUNHA, F.W. Presença de Maquiavel. Revista de Ciência Política, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 71-82, Jul/Set, 1969.

FALCÃO, L. Maquiavel e Harrington: medicina e história como métodos políticos. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, DF, n 12, p. 181-218, Set/Dez, 2013.

FERREIRA, C.C. Os conflitos civis em Maquiavel: o problema dos humores. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

JESUS JUNIOR, H. Nicolau Maquiavel e seu tempo: A Razão de Estado, A arte da guerra e suas contribuições para a Ciência Política e as Relações Internacionais. Teoria e Pesquisa Revista de Ciência Política. São Carlos, SP, v. 23, n. 1, p. 101-118, Jan/Jun, 2014.

KELLSTEDT, P.M.; WHITTEN, G.D. Fundamentos da Pesquisa em Ciência Política. Tradução da segunda edição americana por Lorena G. Barberia, Patrick Silva, Gilmar Masiero. São Paulo - SP: Ed. Blucher, 2015.

MAQUIAVEL, N. O príncipe. Terceira edição, CL EDIJUR: Leme – SP, 2015.

MAQUIAVEL, N. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio. Terceira edição. Tradução de Sérgio Bath, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.

MEDRONHO, R.A. (Ed.). Epidemiologia. 2. ed. São Paulo - SP: Atheneu, 2009.

MIGUEL, L.F. Introdução: 500 anos de Maquiavel. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, DF, n. 12, p. 07-10, Set/Dez, 2013.

NASCIMENTO, P.; ADAMEC, M. Maquiavel na soleira da modernidade. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 83-101, Jul/Dez, 2016.

POCOCK. J.G.A. The Machiavellian Moment. Princeton: Princeton University Press, 1975.

SILVA, R. Da honra ao patrimônio: conflito social e instituições políticas nos Discorsi de Maquiavel. Revista Brasileira de Ciência

Política, Brasília, n.12, p. 43-66, Set/Dez, 2013.

SOUZA, S.C. Lições de anatomia: manual de esplanologia. Salvador: EDUFBA, 2010.

SADEK, M.T.A. Maquiavel: os segredos do mundo da política. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 31-45, Jul/Dez, 2016.

SARTORI, G. A política: lógica e método nas ciências sociais. Brasília: Ed UNB, 1997.

TIERNO. P. Modalidades do Pensamento Político Moderno, 2016. Notas de aula.

WINTER, L.M. A teoria dos humores de Maquiavel: a relação entre o conflito e a liberdade. Cadernos de Ética e Filosofia Política, v. 19, n. 2, p. 43-75, Jul/Dez, 2011.